

A TÉCNICA DE DUBLAGEM N'AS CENAS DA PAIXÃO SEGUNDO CONGONHAS.
Júnia Cristina Pereira.

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Interpretação distanciada, encenação da Paixão de Cristo.

As *Cenas da Paixão Segundo Congonhas* constituem-se de uma série de apresentações teatrais de caráter amador que tematizam os acontecimentos da paixão e morte de Jesus Cristo. Tais apresentações são realizadas anualmente em Congonhas por ocasião da Semana Santa¹, ritual religioso da Igreja Católica.

Este texto procura discutir o processo de empatia nas *Cenas*, comparando uma técnica de dublagem, que caracterizava uma interpretação distanciada², com uma encenação mais realista com textos ao vivo.

Desde o seu surgimento, na década de 1960 sob a direção dos padres redentoristas³, até o ano de 1993, as *Cenas* utilizaram a técnica de dublagem ao vivo: o texto era lido, ao microfone, por locutores, e encenado por atores, que “dublavam” o que estava sendo ouvido, e cujos gestos faziam alusão ao sentido do texto. Segundo o Pe Dalton⁴, tal técnica exigia um tipo de atuação muito diferente, e quiçá mais simples, do que a que era praticada, por exemplo, nos espetáculos produzidos dentro dos Seminários:

...uma coisa é você ser ator numa peça onde você tem que falar e se movimentar num espaço pequeno, e outra coisa é você ser figura que se desloca num espaço grande. É muito diferente. (...) A diferença é de talento. Nem todo mundo que pode vestir uma roupa e estar num conjunto dá para estar num palco. Tem o problema da fala, tem o problema da interpretação, tem o problema de contracenar com outro personagem. Não é nem de longe a mesma coisa. ⁵

Em 1975, quando a Congregação Redentorista se retirou da cidade, as encenações continuaram sob a responsabilidade de leigos: Victoria Fisher Parcus (Dona Vick) continuou à frente da produção e do figurino e Zé do Patrocínio assumiu a direção cênica, mantendo-a até

¹ A Semana Santa acontece ao final dos quarenta dias que sucedem o carnaval e celebra os acontecimentos da paixão e morte de Jesus. Para os católicos, é o fechamento de um ciclo e o início de outro, significa um momento de renovação.

² Entendo aqui, por interpretação *distanciada*, procedimento por meio do qual o ator não pretende metamorfosear-se na personagem, causando um efeito de ilusionismo, mas, permanecendo visivelmente ele mesmo, produz tão somente uma alusão, comentário ou ilustração acerca da personagem. Não necessariamente uma interpretação distanciada produzirá o chamado *efeito de distanciamento* proposto por Brecht, que possui uma mecânica mais complexa.

³ Os padres redentoristas, missionários provenientes da Holanda, se instalaram em Congonhas em 15 de novembro de 1923. Dentre as atividades exercidas, fundaram dois Seminários, nos quais havia a prática constante do teatro, havendo montagens internas de duas a três peças por ano. Na década de 50, algumas peças começaram a ser apresentadas para a comunidade e, a partir de 1960, pessoas interessadas começaram a ser admitidas para participar do elenco dos espetáculos, junto com os seminaristas. Esta atividade teatral deu origem aos primeiros grupos teatrais da cidade.

⁴ O Pe Dalton, da Congregação Redentorista, foi um dos padres que atuaram em Congonhas. Tendo chegado em 1961, atuou como diretor teatral nos Seminários e participou também do processo de elaboração das *Cenas*, tendo colaborado inclusive na construção do texto.

⁵ Entrevista realizada com Pe Dalton em 27 de dezembro de 2007, na Igreja São José – B. H., MG.

1993. Durante este período, mantiveram a mesma estrutura do texto e a técnica de dublagem.

Renan Senra, que atuou como Cristo nos anos finais da direção de Zé do Patrocínio, fala sobre a experiência de atuar com a técnica de dublagem:

Mas o quê que era ter alguém fazendo a minha voz? Era confortável, né? A gente não tinha tanto trabalho com os personagens, a gente não tinha que pensar tanto o espetáculo. Na verdade a gente tinha só uma representação. Então, ainda que era *A Paixão de Cristo*, eu não me via tanto colaborando efetivamente com um personagem ou com uma encenação. Era muito isso assim: o que a gente fazia todos nós lá na época parecia que era muito mais uma encenação, uma representação, uma coisa que qualquer um quase podia fazer.⁶

Já Regina Bahia, que atuou como locutora sob a direção de Zé do Patrocínio, destaca o trabalho de locução como um trabalho especializado e considera a técnica de dublagem não só adequada ao espetáculo religioso, mas fundamental para causar o efeito de empatia no público, principalmente pela solenidade com que o texto era lido⁷. Também na opinião de Berenice Cordeiro (Beré), esse procedimento, embora não fosse realista, tinha grande poder de emocionar a platéia e provocar identificação com o sofrimento de Cristo:

..não é que eu não goste hoje não, mas eu preferia o passado, quando eu lidei com isso (...) mesmo a gente trabalhando, sabendo o que ia acontecer, eles conseguiam mover o sentimento, a gente chorava realmente. Com a voz do Maércio Vecker, que Deus o tenha, que era um vozeirão, Arnaldo Osório, que já foi até prefeito em Congonhas, Ronaldo Casemiro, tem uns aí que hoje trabalham na rádio, que vão conversando aquele vozeirão bonito (...) A emoção era de arrebrantar! Você imagina, estou te falando isso com precisão: eu participava, sabia quem era ator, quem deixou de ser, o quê que ele ia falar, e mesmo assim as lágrimas realmente, saíam lágrimas dos olhos realmente, o coração doía. Eu me punha realmente do lado do verdadeiro Cristo! Porque eu estava vivendo aquilo que ele viveu! E hoje realmente eu não tenho mais essa emoção, infelizmente.⁸

É curioso, na fala de Berenice Cordeiro, a associação que ela faz entre a emoção e a interpretação distanciada, pois ela ressalta que sabia quem eram os atores (ou seja, em nenhum momento eles se confundiam com suas personagens) e o que ia acontecer em cena, e, *apesar disso*, se emocionava.

O *hoje* a que ela se refere, no qual a emoção seria menor, é nada mais que a atual direção, coordenada por José Félix Junqueira (o Zezeca) e o Grupo de Teatro *Dez Pras Oito*, que assumiu a produção do espetáculo em 1994, após o falecimento de Zé do Patrocínio. Entre as mudanças introduzidas pelo grupo, talvez a principal delas tenha sido a supressão dos locutores, com o ator falando o texto ao vivo com a ajuda de microfones de lapela. Com isso, começou um trabalho mais aprofundado de interpretação, para o ator que antes somente ilustrava o que ouvia. Na opinião de Renan Senra, que atuou no papel de Cristo nos primeiros anos após estas mudanças:

o Zezeca trouxe coisas muito boas no sentido de a gente (...) tentar demonstrar aqui melhor que tinham dois lados: um lado que era o mau ladrão, um lado que era o bom ladrão; um lado que era

⁶ Entrevista realizada com Renan Senra Barbosa em 24 de junho de 2008.

⁷ Entrevista realizada com Regina Bahia em 26 de dezembro de 2007.

⁸ Entrevista realizada com Tarcísio e Berenice Cordeiro (Beré), ex-assistente do Zé Patrocínio, em 16 de fevereiro de 2008, no distrito de Alto Maranhão – Congonhas, MG.

Samaritana, um lado que era Maria – que era muito sábia, mas era muito submissa; parece que ele tentava colocar isso de maneira um pouco mais crítica, um pouco mais elaborada, e menos hierarquizada, menos verticalizada, tipo: a Maria faz *esse* papel, né? Não, peraí, a Maria era uma pessoa do mundo também: ela viveu, ela teve um nome, ela teve um corpo, ela teve uma estória. Parece que tem um divisor de águas aí também: na época do Zé Patrocínio e da Tia Vick era o papel... bíblico, na época do Zezeca, já a representação era a cena bíblica, a estória que se viu na Bíblia, mas vamos lembrar que a Maria foi uma mulher que teve um marido, vamos lembrar que ela tinha fraquezas, que ela tinha paixões, então isso (...) [tornava] mais humano o personagem.⁹

Sabe-se que sob nova direção, as personagens adquiriram maior profundidade psicológica e riqueza de caracteres que antes não existia. Esta seria talvez a “humanização” de que nos fala Renan.

A partir da análise desses relatos, compreendemos que, n’*As Cenas da Paixão Segundo Congonhas*, a introdução de uma interpretação mais “humanizada” trouxe, paradoxalmente, a teatralidade para o teatro religioso. Ao contrário, a interpretação distanciada, fundamentada na técnica de dublagem ao vivo, embora fosse mais simples, tinha grande poder de empatia e comunicação. É como se, por se tratar de uma história sagrada, quanto mais a representação se distanciar do referencial da realidade profana (o cotidiano), mais crível será para os fiéis.

Fontes consultadas:

- Vídeos da Encenação de 1985, 1987, 1993, 1995, 1998, 1999, 2001, 2003. DVD’s de 2006 e 2007. Arquivo da Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo de Congonhas.
- Compilação de documentos referentes à Semana Santa de Congonhas. Arquivo Público Municipal – Biblioteca Pública Municipal Djalma Andrade. Congonhas/MG.
- Arquivo da Congregação Redentorista – Escritório Provincial em Juiz de Fora.
- Entrevista realizada com Edilson Ribeiro, um dos atuais diretores do espetáculo, em 22/08/2005.
- Entrevista realizada com Regina Bahia, ex-atriz e diretora do espetáculo, em 26/12/2007.
- Entrevista realizada com Padre Dalton, da Congregação Redentorista, em 27/12/2007.
- Entrevista realizada com Berenice Cordeiro, ex-coolaboradora das *Cenas*, em 27/12/2007.
- Entrevista realizada com Zezeca Junqueira, atual diretor do espetáculo, em 23/03/2008.
- Entrevista realizada com Renan Senra, ex-ator no papel de Cristo, em 24/06/2008.
- Registro Fotográfico da Semana Santa em Congonhas: aproximadamente 1966 até 2007. Arquivo da Diretoria de Cultura da Prefeitura Municipal de Congonhas.

⁹ Entrevista realizada com Renan Senra Barbosa em 24 de junho de 2008.